

Editorial / Editorial

Esta edição comemorativa dos 10 anos de *Tensões Mundiais* reúne trabalhos de pesquisadores que se debruçaram sobre fenômenos candentes da conjuntura global: as migrações e a insurgência islâmica. Os dois artigos de abertura, particularmente, estimulam a continuidade do debate dos vínculos entre nacionalismo e internacionalismo, aspectos centrais das reflexões teóricas em curso no Observatório das Nacionalidades.

Na Europa, a onda xenofóbica cresce juntamente com as reivindicações separatistas e de independência nacional almejada por bascos, bávaros, catalães, corsos, croatas, escoceses, flamengos, georgianos, tirolese, etc. Por vezes o senso comum confunde os termos, atribuindo a ambos o mesmo significado de aversão ao “outro”, de ódio ao diferente. Crítico dos “novos nacionalismos” europeus, Eric Hobsbawm esclarece a diferença: xenofobia é ser contra o estrangeiro, excluindo-o do Estado-nação existente, mediante contundentes discursos, em grande parte, de conteúdo racial ou religioso; separatismo expressa um sentimento de identidade grupal, um tipo de solidariedade entre iguais que, ao diferenciar o “nós” do “eles”, busca a fundação de seu próprio Estado.

Hoje, os grupos nacionalistas que depuseram as armas pretendem conquistar a autonomia cultural e política através de referendos. Desde mais de um século, este foi o caminho apontado por Ernest Renan ao afirmar, em sua notória conferência, que “a nação é um plebiscito cotidiano”.

Perspícaz estudioso dos movimentos nacionais, Miroslav Hroch lembra que, em momentos de colapso da legitimidade, a ideia de nação assume o papel de integração coletiva. Nas palavras do historiador tcheco: “quando a sociedade fracassa, a nação aparece como garantia última”. Sua análise estava assentada na realidade dos Estados pós-comunistas do leste europeu nos anos 1990. Mas parece sob medida para entender os conflitos atuais em todas as regiões desse continente.

Os desafios colocados pela imigração massiva - sobretudo de africanos - e pelo ingresso da Espanha na União Europeia são pontos destacados por Ana Mengibar ao investigar as formas contemporâneas de exclusão e inclusão na nação espanhola. Amparada na literatura especializada, a autora discute o que se convencionou chamar de formações “neo-raciais”. Se no velho mundo persistem explosivas as questões relacionadas ao “princípio da nacionalidade”, expressão cunhada ainda no século XIX por Mazzini, pressupondo que a cada Estado corresponderia uma só nação, o que dizer da África?

A construção do Estado africano que emerge das lutas anticoloniais é objeto da lúcida reflexão de um intelectual de origem igbo. Herbert Ekwe-Ekwe afirma, sem hesitações, que a insurgência islâmica é parte da continuada pressão sobre o que ele apelidou de “Estado de Berlim”, em referência à partilha do território africano entre as potências europeias durante conferência naquela cidade, em 1878. Tal forma de “Estado” se mostrou incapaz de prover as necessidades mínimas de bem-estar de seus povos. Neste contexto, surgem inúmeros movimentos étnicos, não necessariamente islâmicos, ansiosos em conquistar o direito à autodeterminação. O mundo, conclui Herbert, deverá conviver com um mapa da África em permanente mutação, ainda que resulte na criação de 1001 estados-nações.

Na sequência, apresentamos um estudo que trata da missão de paz da União Africana em Burundi. Anselmo Otavio e Nilton Cardoso trabalham com a hipótese de que a transformação da estrutura dessa agência, ocorrida na primeira década do século XXI, possibilitou melhores resultados na solução dos conflitos étnicos entre hutus e tutsis naquele país. Na perspectiva dos autores, a transição da Organização da Unidade Africana, criada na época da Guerra Fria, para a União Africana simbolizaria uma mudança dos paradigmas no tocante à segurança nacional, regional e global.

Professora da Universidade da Força Aérea, Patrícia de Oliveira estreia na revista com uma exposição das principais correntes teóricas que influenciaram o pensamento político e os estudos estratégicos no século XX. Seu intuito é examinar as implicações

da dinâmica econômica nas guerras e no poder militar, amparada em revisão minuciosa de obras clássicas de renomados autores.

As preocupações de Sued Lima, pesquisador e coronel-aviador reformado, estão direcionadas para o caso brasileiro: o papel do Ministério da Defesa em um contexto democrático. A vivência profissional do autor em corporações militares aliada à sua recente participação na Comissão Nacional da Verdade possibilitou uma abordagem crítica da experiência de 16 anos do citado Ministério. Concluindo, Sued oferece aos leitores uma breve, mas pertinente comparação com a Argentina.

Localizada no extremo sul argentino, a Terra do Fogo é área estratégica cobiçada pelas grandes potências. As tentativas de domínio desse território ocorrem a partir do final do século XIX, sob a forma de explorações pecuárias, implantação de bases militares, obras de infraestrutura e incentivo à migração internacional. Porém, apenas na década de 1970, com as tensões que irão culminar na Guerra das Malvinas, verifica-se um significativo crescimento populacional na Patagônia argentina. O desenvolvimento sustentável local nessa província fronteiriça é objeto da investigação de Mariano Hermida, que conjuga uma abrangente discussão conceitual com a análise de entrevistas com funcionários públicos. No artigo são examinadas as representações dos atores estatais sobre a ideia de sustentabilidade e a utilidade de um sistema de informação para a formulação de políticas nacional-desenvolvimentistas.

Como toda nação aspira ser desenvolvida, tal conceito tornou-se parte do aparato ideológico imprescindível para atender às necessidades da expansão capitalista. Não por outra razão, o Banco Mundial tomou para si essa definição. Adjacy Farias vem se dedicando ao estudo do Banco Mundial e da pobreza. Desta feita, a partir da teoria do nacionalismo de Ernest Gellner, discorre sobre as relações entre educação e trabalho, além de explorar as transformações do sistema de ensino nas sociedades ocidentais.

Instigados pelo interesse de Benedict Anderson no grafite, desde sua primeira visita ao Ceará, há 10 anos, homenageamos a arte das ruas com ilustrações produzidas durante o Festival Concreto de Arte Urbana, em 2013. Assim, finalizamos este número da

revista com um artigo sobre a legitimação da prática do grafite em Fortaleza, fruto das pesquisas desenvolvidas por Kadma Marques e Nicole Bessa. Transformações urbanas pela via da cultura favorecem uma experiência estética por parte das camadas populares capaz de gerar novas maneiras de perceber e estabelecer vínculos afetivos com a comunidade imaginada.

Uma ótima leitura!

Os editores